



Abadia na primeira comunhão



Abadia gosta de se vestir bem e não dispensa um perfume

“Meu filho”, marca do estilo tucano

Assessores, amigos, parlamentares, ninguém escapa de ser chamado de “meu filho” pela tucana Maria de Lourdes Abadia. O estilo maternal e a aversão ao bate-boca são marcantes na personalidade da candidata, que busca sempre o centro na política.

Abadia diz que é sincera, o que pode até atrapalhar a campanha. “Se me derem um discurso pronto, vou gaguejar e vai prevalecer, mesmo, o meu jeitão”, avisa a candidata da coligação Brasília de Mãos Dadas, que reúne o PSDB, PPR e PMN. Indisciplinada — “é um dos meus defeitos” —, a tucana admite ser impaciente, bastante emotiva, capaz de guardar mágoas das pessoas por muito tempo.

Nascida em Bela Vista (GO) no dia 14 de agosto de 1944, a deputada não é exatamente uma intelectual, mas discorre com facilidade sobre filmes de arte. Após a morte da viúva do diretor italiano Federico Fellini Giulietta Masina, foi à locadora e pegou “Noites De Cabíria”. Viu “A Insustentável Leveza do Ser” e “Estamos Todos Bem” de Giuseppe Tornatore. “Uma das melhores interpretações da Marcello Mastroianni”, comenta.

Literatura — Abadia já leu Graciliano Ramos e Fernando Pessoa e

no momento se debruça sobre “A Natureza da Pobreza das Massas”, do economista John Kenneth Galbraith. Tem interesse em se aprofundar mais nos livros, mas precisa se dedicar aos assuntos da atualidade, por isso lê jornais e revistas, que lhe roubam o tempo. Ouve música popular brasileira: Chico Buarque, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Milton Nascimento. Entre os clássicos, o italiano Vivaldi.

Abadia fala “um pouco” inglês e espanhol. “Não passo fome e despacho mala em aeroporto”, resume. Como assistente social formou-se na UnB, conheceu alguns países. Com uma bolsa da Fundação Kellogg, dos Estados Unidos, visitou América do Sul, Central e Caribe. Em 1979, fez curso de administração de cidades, patrocinado pela Fundação Alemã de Desenvolvimento Internacional, conheceu a Alemanha, França, Itália, Áustria e Bélgica. Como deputada constituinte, esteve na China, Japão, Tailândia e Oriente Médio, para saber da situação das mulheres nestes países.

Filha de um jardineiro da Novacap, Abadia chegou a Brasília em 1960. Acabou herdando o gosto pelas plantas, que cultiva em sua chácara. Não tem hobbies e não faz

ginástica.

Conzinha — Feminista convicta, a tucana não tem preconceitos contra conzinha. O estado-maior de sua campanha diz que ela não decepciona com a lasanha e com pratos típicos da cozinha goiana. Não nega que é vaidosa. Gosta de se vestir bem e de perfumes. Sua mania é a de colecionar sapatos. Já perdeu a conta do número de pares que possui. Em casa, mantém um estilo simples na decoração. Abadia está no terceiro casamento. Em 91, casou com o jornalista Nelson Pantoja. Não tem filhos.

A candidata dos tucanos ao Governo do DF foi a primeira administradora regional da Ceilândia, em 1975. Em 1985, assumiu a diretoria-executiva da Fundação do Serviço Social (FSS). Sua passagem pelo cargo não a deixou imune a críticas. “Ela não ajudava ninguém e como assistente social não fez muita coisa”, conta uma funcionária da FSS.

Em matéria de política, a referência mais forte é o nome do senador Nelson Carneiro. “Tenho-o como um guru”, confessa. Abadia gosta do estilo mineiro de fazer política. Tem opinião sobre a dama-de-ferro Margaret Thatcher.